

# XIII CONFERENCIA INTERNACIONAL Antropología 2016



22 al 25 de noviembre de 2016  
Instituto Cubano de Antropología

**filosofi@.cu**  
EDITORIAL



Para ejecutar el programa  
hacer click en main.exe  
en el DVD, o en el  
directorio previamente  
copiado.

#### Requerimientos técnicos:

Procesador PENTIUM IV o  
superior, QuickTime.

Tarjeta gráfica SVGA con  
32MB de Ram, 800x600x16



INTERNACIONAL  
**VCOLOQUIO**  
DE ARQUEOLOGÍA

**CONSEJO CIENTÍFICO:**

Dr. Cs. Pedro Pablo Godo Torres  
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Ulises González Herrera  
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz  
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Raúl Villavicencio Finalé  
(Escuela de Superación del Turismo)

MSc. Lázara Yolanda Carrazana Fuentes.  
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Pablo Rodríguez Ruiz.  
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dmitri Prieto Sansonov.  
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dany Morales Valdés.  
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Racso Fernández Ortega  
(Instituto Cubano de Antropología y Grupo Cubano de Investigaciones de Arte Rupestre)

**COMITÉ ORGANIZADOR:**

Presidente: Lic. Estrella González Noriega

Vicepresidente: Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz

Secretaria: Isis Fernández Artiles

Miembros: MSc. Pablo Rodríguez Ruiz

Lic. Guillermo Baena González

Téc. Ailyn Martínez Rego



**DATAS ABSOLUTAS PARA OS MENHIRES DO ALENTEJO**  
**- PORTUGAL -**

**Jorge de Oliveira**

joli@uevora.pt

CHAIA/UE [2016] - Ref.º UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UE 2014]  
- [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT  
/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

**KEYWORDS: Absolute dates, Menhirs, Alentejo, Portugal**

**ABSTARCT:**

In this paper we will present the latest results chronometric and their contexts of the main menhirs northern Alentejo in Portugal. The date now obtained for the Menhir of Patalou, located in Nisa municipality, (Cal BC 4340-4235) confirms that for more than two decades, in a similar context, we obtained the Menhir of the Meada, located in the Castelo de Vide municipality, (Cal BC 4810-5010) and so many doubts and controversies raised in view of its great antiquity. They position themselves in this way and safely in the old Neolithic the erection of these great phallic monuments.

**PALAVRAS-CHAVE: Datas absolutas, Menhires, Alentejo, Portugal**

**RESUMO:**

Nesta comunicação iremos apresentar os mais recentes resultados cronométricos e respetivos contextos dos principais menhires do norte do Alentejo, em Portugal. A data agora obtida para o menhir do Patalou, situado no concelho de Nisa, (Cal BC 4340 a 4235) vem confirmar a que há mais de duas décadas, em semelhante contexto, obtivemos no menhir da Meada, situado no concelho de Castelo de Vide (Cal BC 4810 a 5010) e que tantas dúvidas e polémicas levantou face à sua grande antiguidade. Posicionam-se, desta forma e com toda a segurança, no Neolítico antigo a ereção destes grandes monumentos assumidamente fálicos.

**OS ANTECEDENTES**

O estudo dos menhires e a sua divulgação tanto científica como para o grande público só se começa a generalizar, com algumas raras exceções, praticamente a partir da 2ª metade do século XX.

Contudo, deve-se a Simão Rodrigues Ferreira, em 1864, a identificação do Marco de Luzim, no concelho de Penafiel, o primeiro menhir a ser referenciado em Portugal. Pereira da Costa, em 1868, regista um menhir no Monte da Pedreira no concelho de Fafe, descrevendo, igualmente outros no distrito de Castelo



Branco. Sá Vilela, em 1876 informa de presença de vários menhires junto a Castelo de Paiva. Mas será sobretudo com Estácio da Veiga, em 1886, ao publicar as notáveis *Antiguidades Monumentais do Algarve* que a palavra menhir, ou menhir mais se divulga. Na região de Portugal onde ocorrem com maior profusão, o Alentejo central, a propósito dum interessantíssimo monumento funerário megalítico, Georg Leisner, em 1944, refere-se ao menhir de Vale Rodrigo como sendo “um marco frontal” do sepulcro sem lhe atribuir a importância individual que lhe é merecida. Desde esse ano um longo período de quase total esquecimento sobre este tipo de monumentos vai passar. Basta-nos recordar que só em 1970, pela pena do médico José Pires Gonçalves, se noticiam os menhires da região de Monsaraz, uma das zonas mais ricas em monumentos megalíticos de toda a Península Ibérica e onde se regista a maior concentração de menhires, isolados, ou em grupo. Contudo, comparativamente com o conhecimento das sepulturas megalíticas os menhires mantiveram-se e, de alguma forma ainda se conservam, pouco divulgados e estudados. Múltiplas razões poderão explicar a não referência e sobretudo o desinteresse por este tipo de monumento megalítico. De entre outras sobressaem as relacionadas com as práticas religiosas judaico-cristãs que proibem qualquer culto às pedras. Por outro lado, as tradicionais descrições de descoberta de lendários tesouros em sepulturas megalíticas, não se aplicariam, naturalmente aos menhires, porque quem quer que o tentasse nada encontraria, ao contrário do que acontece com os dólmenes, onde sempre uma ponta de seta, ou um machado, por norma, qualquer caça tesouros encontra, levando ao desinteresse popular por aquele tipo de monumentos. Acresce a estas razões a pouca estabilidade e resistência que estes monumentos oferecem aos elementos naturais e sobretudo a abalos sísmicos, contribuindo para que, especialmente os de maiores dimensões e por isso os que mais facilmente poderiam despertar maior interesse se encontrem, por norma, tombados ou partidos e nalguns casos parcialmente soterrados. Mas a fratura ou a simples deposição da maior parte dos menhires, sobretudo os de maiores dimensões, parece ter ocorrido ainda nos finais da Idade da Pedra, ou inícios da Idade dos Metais. A presença das enigmáticas covinhas na maior parte dos menhires tombados, exclusivamente na face exposta, parece deixar entender que a sua gravação, terá ocorrido ainda na Pré-História. Assim sendo, poderemos considerar como provável que a perda de identidade e significado cultural dos menhires terá ocorrido intencionalmente entre os finais do Neolítico e a Idade do Bronze, com especial relevância durante o Calcolítico.

## **O INVENTÁRIO DOS MENHIRES DO DISTRITO DE PORTALEGRE**

Para a zona norte do Alentejo onde se localizam os dois menhires que aqui queremos tratar as primeiras referências a este tipo de monumentos ocorrem em meados da década de setenta do século XX.

Martins Barata, em 1965, noticia pela primeira vez o menhir da Meada, situado no concelho de Castelo de Vide. Dois anos depois, Mário de Saa (Saa, 1967: 184-187) refere-se, pela primeira vez ao menhir do Carvalhal, situado, igualmente, no concelho de Castelo de Vide. Trata-se das primeiras referências a menhires nesta região da Península. Enquanto Martins Barata se limita a descrever o monumento da Meada, Mário de Saa compreende-os como monumentos pré-históricos utilizados pelos Cavaleiros da Ordem do Templo como marcos de delimitação das suas terras.

É, assim, já nos finais da década de sessenta que se noticiam, pela primeira vez, menhires no Distrito de Portalegre. Em 1977, Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes publicam os pequenos menhires do Vale de Sobral, em Nisa, depois de terem aberto uma curta sondagem para melhor perceberem a sua implantação e sobretudo as covinhas que sobre a sua superfície se observam.

Em 1981, procedemos à escavação do pequeno menhir da Água da Cuba, situado na encosta norte da Serra de Marvão. Este pequeno monólito granítico, assumidamente fálico possui um comprimento máximo de 143 centímetros, metade do qual se encontra incluso no alvéolo de fixação. Ao estudo destes menhires seguiram-se os trabalhos por nós realizados no menhir do Carvalhal em Castelo de Vide e mais tarde no da Meada, também no mesmo concelho. Já nos finais da década de 90 tem referência ao



desenvolvimento de sondagens no denominado “Cromeleque do Torrão” situado no concelho de Elvas. Nos inícios do século XXI estudámos três dólmenes em Alter do Chão, dois dos quais incorporavam na sua estrutura cada um, um menhir. Em 2015 escavámos e reerguemos o menhir do Patalou, no concelho de Nisa. Em linhas gerais foram estas as intervenções arqueológicas em menhires no Distrito de Portalegre.

No ano 2000, conjuntamente com Clara Oliveira elaborámos uma síntese sobre os *Menhires do Distrito de Portalegre* publicado na revista *Ibn Maruán* nº 9/10 (Oliveira & Oliveira, 1999/2000). Após esse inventário mais alguns menhires foram, entretanto identificados.

Assim, ao inventário dos menhires que publicámos em 2000 deveremos acrescentar mais um provável recinto, o da Laje da Prata (Nisa), cinco menhires isolados, o da Fonte do Cão (Nisa), o do Caminho da Forca (Castelo de Vide), o do Castelo Velho (Castelo de Vide), o do Milhar da Santa (Portalegre) e o de Santo Ildefonso (Arronches) e os menhires incorporados em antas situados no interior da Coudelaria de Alter, a saber, dois na Anta da Soalheira, um na Anta de Vale de Carreiras 2 e outro na Anta Várzea Grande. Atualmente, conhecem-se no distrito de Portalegre quinze menhires isolados, cinco incluídos em antas, quatro grupos de menhires e dois afloramentos meníricos.

#### MENHIRES DO DISTRITO DE PORTALEGRE

Nº	MENHIR	TIPO	CONCELHO	ESTADO
1	Pombais	afloramento	Marvão	<i>in situ</i>
2	Água da Cuba	isolado	Marvão	<i>in situ</i>
3	Corregedor	isolado	Marvão	deslocado
4	Carvalho	isolado	Castelo de Vide	<i>in situ</i>
5	Meada	isolado	Castelo de Vide	<i>in situ</i>
6	Patalou	isolado	Nisa	<i>in situ</i>
7	Saragonheiros	incluído em anta	Nisa	deslocado (?)
8	Maria Dias	isolado	Nisa	<i>in situ</i> , fracturado
9	Fonte do Cão	isolado	Nisa	<i>in situ</i> (?)
10	Vale do Sobral	grupo	Nisa	<i>in situ</i> (?)
11	Laje da Prata	grupo	Nisa	<i>in situ</i> (?)
12	Castelo Velho	isolado (?)	Castelo de Vide	deslocado (?)
13	Caminho da Forca	isolado	Castelo de Vide	deslocado
14	Casa Nova	isolado	Crato	<i>in situ</i> (?)
15	Milhar da Santa (?)	isolado	Portalegre	<i>in situ</i>
16	1 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
17	2 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
18	Vale de Carreira II	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
19	Várzea Grande	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
20	Sete	afloramento	Monforte	<i>in situ</i>
21	Carriha	isolado	Monforte	deslocado (?)
22	Monte do Reguengo	isolado	Arronches	deslocado
23	Santo Ildefonso	isolado	Arronches	<i>in situ</i> (?)
24	Bocada da Praça	isolado	Campo Maior	deslocado
25	Torrão	grupo	Elvas	<i>in situ</i> (?)
26	Alminho	grupo	Ponte de Sor	<i>in situ</i> (?)



## A IDADE, A GRANDE DÚVIDA

Um dos principais problemas que se colocam em relação aos menhires é a sua datação. A normal ausência de artefactos diretamente associados aos menhires, mas sobretudo a remoção destes monólitos dos seus locais originais tem inviabilizado o estabelecimento de cronologias diretas para eles. Porque se trata, normalmente de grandes blocos de pedra, desde que começaram ser registados foram, de imediato, associados temporalmente aos grandes dólmenes e entraram no universo cultural da vulgarmente denominada cultura megalítica. Durante várias décadas assim se mantiveram, embora algumas dúvidas começassem a colocar-se, sobretudo a partir dos finais da década de oitenta.

Como veremos mais à frente várias sugestões de datação indireta foram avançadas nas décadas seguintes mas todas baseadas em pressupostos pouco seguros. A forma mais segura de se datar o momento da ereção dum menhir será a identificação de matéria orgânica, em quantidade suficiente e em estratigrafia segura no interior do alvéolo de fixação. Conseguimos alcançar esse desiderato durante os trabalhos de recuperação do menhir da Meada, em 1993. A data obtida, porque muito mais antiga do que seria espectável necessitava de ser confirmada noutra menhir de características semelhante e, se possível, situado na mesma zona geográfica. Em 2015, vinte e dois anos depois, conseguimos ter o privilégio de recolher em situação idêntica, isto é, na fossa de implantação de outro grande menhir, o do Patalou, situado a escassos 12kms do anteriormente datado, em estratigrafia segura, uma amostra de matéria orgânica que submetida a datação veio confirmar a idade do anterior. A diferença de idade entre as duas amostras recolhida e datadas é mínima e mais negligenciável se torna considerando as margens de erro sugeridas pelos laboratórios que realizaram as análises, como mais à frente veremos.

Antes de entrarmos diretamente na discussão das datas obtidas para estes dois menhires será conveniente descrever os trabalhos de escavação e os contextos em que foram recolhidas as amostras.

## ESCAVAÇÃO E RECUPERAÇÃO DO MENHIR DA MEADA

O menhir da Meada localiza-se na Tapada do Cilindro, freguesia de Santa Maria da Devesa, concelho de Castelo de Vide e possui as seguintes coordenadas: 39°29'45,73'' N; 7°26'44,58'' W. Implantado sobre a linha de contacto do xisto com o granito este monólito foi obtido em granito porfiroide de grão grosseiro, extraído dos afloramentos que nas imediações se localizam. Atualmente rodeado de sobreiras este menhir implanta-se à cota de 370 metros.

Noticiado pela primeira vez por José P. Martins Barata em 1965 (Barata, 1965), este volumoso monumento encontrava-se fraturado em duas partes. Um fragmento estava ainda *in situ* embora algo inclinado para poente. A outra porção, a de maiores dimensões, encontrava-se tombada também para poente, embora e provavelmente, na altura da fratura e queda, tivesse rolado, afastando-se do local cerca de noventa centímetros para sul.

O fragmento que se encontrava tombado possuía um comprimento de 5, 20 metros e um diâmetro máximo de 115 centímetros. A sua forma cilíndrica, que teria dado o nome à propriedade onde se encontra, apresenta-se suavemente afilada na extremidade. Próximo da ponta um leve ressalto envolve diagonalmente todo o monólito, parecendo evidenciar uma glande pélica.

Na extremidade oposta do fragmento tombado, os efeitos da erosão e das fogueiras que frequentemente eram acesas por pastores e caçadores provocaram a separação de pequenos pedaços de rocha, alterando significativamente as superfícies de contacto entre os dois fragmentos do menhir.

Facilmente se observava que a parte do perímetro em contacto com o solo se encontra bastante regularizada, contrastando com a superfície exposta aos elementos. Adivinhava-se, desde logo, que a fratura do monólito teria ocorrido haveria há várias centenas de anos ou mesmo milhares. O fragmento que se encontrava ainda *in situ*, emergia do solo cerca de 120 centímetros. Esta porção do menhir



apresentava sinais ainda mais evidentes do efeito dos elementos naturais. A superfície de fratura encontrava-se totalmente alterada, e fissurada. Uma linha de fratura cortava diagonalmente quase toda a parte externa deste fragmento. O desvio para poente, em relação à vertical era de cerca de quinze graus.

Incluídos no nosso projeto de investigação *SEVER* os trabalhos desenvolvidos neste menhir visavam compreender a sua forma de implantação, recolher eventuais materiais datáveis, repor na vertical o fragmento que ainda se conservava no alvéolo e unir a este a parte fraturada. Após a marcação de uma rede de quadrículas de 2X2 metros, organizada a partir de dois eixos ortogonais orientados respetivamente Norte-Sul e Este-Oeste magnéticos, tendo como centro o fragmento *in situ*, cotaram-se todos os vértices das quadrículas. Um quadrado de quatro por quatro metros tendo como centro o monólito foi selecionado para ser submetido a decapagens sucessivas. Antes do início da escavação e com o auxílio de uma máquina, procedemos à rolagem do fragmento tombado aproximadamente cento e cinquenta centímetros para sul. Esta rolagem justificou-se, por um lado para facilitar os trabalhos de escavação, e por outro para possibilitar que a superfície que se encontrava em contacto com o solo pudesse ser devidamente estudada. Ao proceder-se a esta remoção verificou-se que a marcação da glande mantinha-se contínua, confirmando-se, ao mesmo tempo que a superfície até agora oculta apresentava um alisamento que o restante perímetro, em contacto com os elementos já havia perdido. A escavação iniciou-se com a limpeza geral do terreno. De imediato começamos a registar blocos de granito e grauvaque, unicamente no quadrante poente do monólito. Estes blocos que no nível superficial se encontravam pouco compactados, à medida que se iam baixando as decapagens, verificávamos que, por um lado diminuían de volume, e por outro apresentavam uma maior compactação. Na união destas pedras foi utilizada argila clara, possibilitando, assim, a estabilidade do monólito. Na segunda unidade estratigráfica, por entre as pedras ainda muito soltas, registámos um fragmento de rebordo de *tegula*. Em torno do menhir apenas encontrámos calços de sustentação no quadrante poente. No restante perímetro atingimos, de imediato a rocha de base. Esta, ainda que com alguma irregularidade foi sendo detetada a uma profundidade média de vinte centímetros. Nalguns locais eram visíveis na rocha de base os sinais da lavoura. A potência de solo era, portanto, praticamente nula em torno do menhir. Concluída a decapagem prevista procedemos ao desenho e cotagem dos blocos que calçavam o estreito alvéolo onde se implantava o menhir, seguindo-se a desmontagem desta estrutura de apoio. Para se proceder à colagem dos dois fragmentos foi necessário avaliar a estabilidade da base e recolocar na vertical o fragmento mais pequeno. Assim, retiraram-se todas as pedras que calçavam o monumento até se atingir a sua base. Verificou-se que a fossa de implantação não ultrapassava os 55 centímetros de profundidade, em relação ao nível de superfície, vinte dos quais em terra pouco compactada. Por entre os calços e a argila que consolidavam o alvéolo arrampado, por onde tinha deslizado o menhir aquando do seu levantamento, mesmo junto à base do monólito, recolhemos alguns carvões de dimensões muito reduzidas que posteriormente foram submetidos a datação e que forneceram na seguinte data: Utc-4452: 6022 ± 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC.

Constatado que o alvéolo e os calços existentes eram insuficientes para garantir a estabilidade necessária ao equilíbrio de todo o monumento, procedeu-se ao alargamento do alvéolo e à colocação na vertical do fragmento *in situ*. A fossa de implantação foi alargada em cerca de cinquenta centímetros em torno do menhir, construindo-se com cimento, pedra e areia uma sapata suficientemente sólida. Esta estrutura de consolidação atingiu uma altura de 130 centímetros desde a base do monólito. Em forma de calote de esfera possui um diâmetro de cerca de 3,20 metros, envolvendo completamente o monumento. Após duas semanas de secagem retomaram-se os trabalhos com a abertura de três furos transversais à base do menhir onde se introduziram três barras de aço envolvidas em resina e pó de granito, para consolidação da linha de fratura anteriormente descrita. Todas as fissuras foram unidas com resina e pó de pedra. Consolidada a fratura procedeu-se à preparação das superfícies de contacto. O elevado grau de deterioração da rocha obrigou à extração de uma camada de pedra de cerca de dez centímetros em ambas as superfícies. Ao obterem-se superfícies estáveis e niveladas abriu-se em cada superfície um furo centrado onde seria introduzido um cilindro de aço tratado, com 4,5 centímetros de diâmetro e 120 centímetros de



comprimento (60cm em cada fragmento). Ao fragmento de menhir que se encontrava tombado colou-se de imediato e com os produtos anteriormente descritos este *pivot* central. No fragmento *in situ* procedeu-se à abertura de um furo com cerca do dobro do diâmetro da barra de aço. Esta diferença de diâmetro destinou-se a facilitar o acerto no contacto das duas metades no momento da união. Cerca de quinze centímetros abaixo do relevo identificador da glande abriram-se quatro furos destinados a receber as garras de amarração para levantamento do bloco de granito tombado.

A união dos dois fragmentos que começou a ser preparada desde o dia 14 de Junho de 1993 efetuou-se unicamente no dia 25 de Setembro do mesmo ano, data em que foi disponibilizada, gratuitamente, pela empresa Granitos Maceira, uma máquina com envergadura e potência suficiente para erguer a mais de seis metros de altura as onze toneladas de granito que pesa o fragmento tombado. Após uma tentativa falhada foi possível reunir os dois fragmentos há muito separados. Novamente, resina e pó de pedra com algum secante colaram as duas partes em que se encontrava partido o menhir da Meada. Cinco garras de aço embutidas na face exterior reforçaram a união. Algum cimento, cola de pedra e pequenos blocos de granito possibilitaram o enchimento necessário para a recomposição do perfil original deste grande menhir. Recuperou-se, assim, o maior menhir da Península Ibérica que apresentava um comprimento total original de 7,15 metros e quase 17 toneladas de peso.

O trabalho de escavação possibilitou-nos compreender que a implantação original deste gigantesco menhir, foi antecedida do talhe e transporte do monólito para a suave encosta virada a nascente onde abriram uma fossa em rampa, no sentido oeste-este, com uma largura idêntica à base do menhir e rasgando a rocha de base até uma profundidade máxima de 35cms. O menhir foi introduzido no alvéolo pelo lado poente e posteriormente calçado com recurso a blocos de granito e grauaque unidos por argila. O pouco profundo alvéolo escavado no granito de base impossibilitava, por si só, a estabilidade do monumento com uma altura de 7, 15 metros e um peso que atinge as 17 toneladas. Seguramente que a potência do solo neste local à data da sua ereção seria superior à atual o que permitia a estabilidade do monólito. Pelo estado de conservação da superfície do fragmento de maiores dimensões que se encontrava em contacto com o solo, muito semelhante à superfície inclusa ainda no alvéolo que contrasta nitidamente com a deterioração das partes expostas aos elementos, verificamos que a fratura ocorreu em época muito recuada. A fratura parece ter resultado de um desvio de todo monólito para poente, exatamente para o local onde o alvéolo tinha sido originalmente mais alargado. Esse desequilíbrio levou à fragmentação do monólito por uma linha de fratura ainda hoje visível. Torna-se muito difícil datar a época em que ocorreu a destruição do menhir. A atual reduzida potência de solo na área envolvente do menhir justificará a sua fratura, caso não tenha sido intencional. A lavoura efetuada em torno do monumento, a época muito recuada em que ocorreu a queda, a localização do monumento num espaço profundamente romanizado e a presença de um fragmento de tégula no nível superior dos calços ainda existentes, sugerem-nos que, provavelmente, a queda do menhir da Meada deverá ter ocorrido logo quando se começou a praticar uma agricultura intensiva nesta região, o que deverá ter ocorrido durante o domínio romano, caso tenha sido accidental a sua fratura. Outras hipóteses podem ser colocadas, atendendo, sobretudo à grande semelhança existente entre as pátinas das partes protegidas. Esta grande semelhança poderá fazer recuar ainda mais a data da fratura do menhir. Esta hipótese poderá ser reforçada, quer pela diferença em relação às superfícies sujeitas à erosão, quer pela possibilidade de nunca terem existido mais calços líticos do que os por nós detetados. Se não foi construída qualquer estrutura de reforço em torno do monólito, qualquer pequeno abalo sísmico poderá ter provocado, em época ainda mais recuada a queda do menhir. Contudo, parece pouco consistente a hipótese dos que ergueram deste monumento, após tão grande investimento de trabalho no corte, tratamento e transporte do menhir, descurarem a sua fixação e posterior estabilidade.





## ESCAVAÇÃO E RECUPERAÇÃO DO MENHIR DO PATALOU

Este menhir localiza-se a cerca de 5,5 Kms de Nisa à direita da estrada que conduz à Barragem da Póvoa. Dista da estrada, em linha recta, cerca de 200 metros e possui as seguintes coordenadas: 39°28'57,68" N; 7°35'37,97" W.

Os trabalhos que neste menhir promovemos inscrevem-se no Projeto MEGANISA, apoiado pela autarquia de Nisa e devidamente aprovado pela entidade da tutela e autorizados pelo seu proprietário, Dr. José Pedro Pestana Almeida, a quem manifestamos os nossos agradecimentos. O menhir do Patalou é um monólito de granito com 4 m de comprimento e 0,90 m de diâmetro máximo e um peso a rondar as 7 toneladas. Foi identificado nos finais da década de 90 do século XX por João Francisco Lopes quando caçava na Tapada da Bajanca, denominação da parcela onde se localiza o menhir. Logo que identificado fomos abordados pelo seu descobridor para que confirmássemos a natureza e interesse da sua descoberta. Pela forma em que encontrava tombado, em que a base se afundava no solo mais do que a extremidade superior e pela sua posição relativa ao espaço envolvente, numa muito suave encosta virada nascente, tudo indicava que a base pouco se deveria ter deslocado do local de implantação original.

Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza geral do terreno envolvente ao menhir a que se seguiu uma prospeção geofísica, por geo-radar, numa área de cerca de 200 metros quadrados para determinação do alvéolo original e de outras eventuais anomalias no subsolo que indiciassem ações antrópicas. Os trabalhos de prospeção geofísica foram dirigidos pelos professores Bento Caldeira e José Fernando Borges da Universidade de Évora, decorrente de colaboração com o Laboratório Hércules. As imagens do rastreio permitiram de imediato identificar um significativo abatimento junto à extremidade inferior do menhir que se prolongava para baixo dele. Parecia, assim, confirmar-se o que quinze anos antes tínhamos previsto, isto é, o menhir tinha a parte inferior sobre o alvéolo original.

Após os trabalhos de prospeção geofísica e cotada e quadriculada de 2x2 metros toda área envolvente do menhir, iniciámos a escavação junto à sua base. Os trabalhos de escavação destinavam-se a identificar o alvéolo original, a recolher eventuais testemunhos que nos possibilitassem datar e compreender o contexto cultural desse monumento. Tínhamos, também clara consciência que não queríamos esgotar toda a informação disponível e paralelamente pretendíamos não afetar totalmente o jovem sobreiro que junto ao menhir cresce. Assim, organizámos a rede de quadrículas a partir de dois eixos ortogonais orientados respetivamente a norte-sul e este-oeste magnéticos em que o ponto de intersecção permitia que a extremidade inferior do monumento ficasse incluída numa das quadrículas de 2x2 metros de lado. Desta forma criámos uma área de reserva científica o mais próximo possível do local onde se levantava originalmente o menhir e ao mesmo tempo preservava-se a integridade da maior parte da sistema radicular da sobreira. Escavámos, assim, três quadrados de 2x2 metros de lado, a saber M15, no qual se localiza a área principal do alvéolo, N15 e N14. O quadrado M14 manteve-se como reserva científica. O menhir estava tombado a 110° em relação ao Norte magnético, mantendo a base, tal como se veio posteriormente a verificar sobre o alvéolo original.

Identificaram-se três unidades estratigráficas que correspondem a uma inicial com uma potência média de 16cm, formada por terra castanha com abundantes raízes e bastante solta. Seguiu-se a segunda unidade, regularmente mais fina, constituída por terra mais compacta, com uma potência média de 12 cm. Nesta unidade identificámos alguns fragmentos de cerâmica, muito rolados, assumidamente pré-histórica, mas devido à sua pequena dimensão foi impossível definir a sua forma. Por fim, entrámos na terceira e última unidade estratigráfica, formada por terra muito compacta e clara, de calibre muito fino, com especto argiloso, que preenchia totalmente a fossa de implantação do menhir. Esta unidade apresentava uma potência muito irregular acompanhando a modelação que o substrato rochoso apresentava devido à sua escavação para implantação do menhir. Assim, na zona mais profunda do alvéolo esta unidade atingiu os 70 cm esbatendo-se para a periferia. Nesta unidade, praticamente sob na face sul do menhir, e a 55cm de profundidade, identificámos um bloco de corneana, com 32cm de comprimento, por 14cm de largura e



10cm de espessura máximos, rudemente talhado para conformar um gume onde se observam evidentes sinais de desgaste. Esta peça parece ter servido para abrir o alvéolo do menhir e posteriormente abandonada no local. Idêntica situação já a tinha detetado durante a escavação do menhir da Água da Cuba, em Marvão, onde se identificou um bloco de corneana em situação idêntica e com características semelhantes, embora mais pequeno, proporcional à dimensão do alvéolo e respetivo menhir. Para se poder continuar a definir totalmente o alvéolo houve necessidade de se retirar o menhir do local onde se encontrava, o que foi efetuado recorrendo-se a uma máquina cedida pela autarquia. Libertada a área de escavação e no interior do alvéolo, praticamente na sua base, identificou-se uma pequena lamela em sílex apontada, de bordos não retocado e mais dois pequenos raspadores, igualmente em sílex. Na zona mais profunda do alvéolo, a 82cm de profundidade, em M15, envolvida por uma espessa concentração de argila recolheu-se uma pequena porção de madeira carbonizada que foi submetida a datação por radiocarbono vindo a fornecer a seguinte data: Beta-416341:  $5420 \pm 30BP$ , que calibrada resulta em Cal BC 4340 a 4235 (Cal BP 6290 a 6185).

Definido o alvéolo no interior da área de escavação, observou-se uma fossa muito irregular mas tendencialmente oval no sentido nascente poente, aberta no substrato granítico, algo alterado, com uma profundidade máxima em relação ao nível da superfície atual de 95cm e um diâmetro máximo de 135cm no sentido E-O por 115cm no sentido N-S. A zona mais profunda do alvéolo definia uma concavidade, igualmente ovalada, simétrica à orientação geral do alvéolo com cerca de 12cm de profundidade por um diâmetro máximo de 30cm. Esta reduzida obturação deverá ter resultado dum erro de cálculo dos que ergueram o menhir porque pelas suas dimensões não teria capacidade para acolher a volumosa base do menhir. No interior desta concavidade identificámos cinco pequenos blocos de granito que provavelmente aí foram colocados para apoiar a base do menhir, em fase de ereção. Tal como a restante área do alvéolo também esta obturação estava preenchida de terra argilosa muito compacta. Denotava-se na rocha de base os negativos ou sinais da sua obturação, perfeitamente correspondentes ao trabalho um instrumento pesado e pouco cortante, o que corresponde plenamente ao artefacto em corneana identificado no interior do alvéolo.

Concluída a escavação pretendia-se, de seguida, criar as condições para a reereção do menhir no interior do alvéolo original, utilizando a mesma técnica detetada, isto é, apenas a terra original novamente compactada, sem recurso a outro ligante ou pedras de contrafortagem. Contudo, essa pretensão obrigava, em primeiro lugar, ao aprofundamento do alvéolo original, porque a atual potência de solo neste local é já insuficiente para manter ereto um menhir com 4 metros de altura. Assim teríamos que destruir o testemunho com a modelação do alvéolo original e por outro lado, em breve a estabilidade do menhir iria ser novamente afetada pelas raízes da sobreira que a menos de dois metros se ergue. Haveria sempre a solução de solicitar autorização à Direção Geral de Florestas para se abater esta jovem sobreira e pagar a natural indemnização aos proprietários. Perante estes naturais constrangimentos contactámos a entidade da tutela e em conjunto decidimos reerguer o menhir a 6 metros para norte do alvéolo original, mantendo a mesma linha de posicionamento em relação ao anfiteatro natural na suave pendente virada a nascente. Este novo posicionamento foi igualmente avaliado tendo em atenção o afastamento doutra jovem sobreira que se localiza mais a norte e depois de termos avaliado mecanicamente a potência do solo para pode acolher, com estabilidade necessária, o menhir do Patalou. Abriu-se, assim, com recurso a uma máquina uma fossa com cerca de 85 cm de profundidade, e um diâmetro de máximo de 120cm onde se veio a reimplantar o menhir sendo compactado com pó grosso de pedra granítica (tuvenan) trazido duma pedreira de Alpalhão regado com água e compactado por compactador mecânico. Manteve-se a exata posição que foi possível reconhecer no menhir quando se encontrava no local original e ficou incluso no alvéolo cerca de 80cm, correspondente à porção que se nos afigurava que, inicialmente, deveria ter estado soterrada. Esta medida estava, no nosso entender, registada na superfície do menhir. Na verdade, era visível na parte que se encontrava em contacto com o solo, logo menos afetada pelos elementos, uma área de cerca de 85 cm na zona da base que se apresentava particularmente regularizada. Correspondia, no nosso entender à zona que ficou sempre protegida desde a sua origem. Numa primeira fase ficou inclusa no alvéolo e posteriormente,



quando o menhir tomba, essa porção mantém-se protegida sob o peso das quase 7 toneladas que menhir pesa. Estamos mais que seguros que a queda do menhir ocorreu ainda durante a Pré-História, atendendo à presença das covinhas, exclusivamente na superfície exposta e à diferença do estado de conservação entre a superfície exposta e a que se manteve em contacto coma terra. A área da escavação depois de fotografada, desenhada e cotada foi coberta com manta geotêxtil e recoberta com a terra anteriormente crivada que daí tínhamos retirado. No local onde se ergueu originalmente o menhir, implantámos um marco de granito com cerca de 1,40 de comprimento, onde gravámos, na parte superior, a data de 2015. Junto à sobreira implantou-se uma mesa explicativa na qual se descrevem os trabalhos realizados no menhir e em torno dele definiu-se uma estreita área simbólica de proteção delimitada por quatro postes de madeira unidos por uma corda. O acesso público ao menhir foi formalmente inaugurado, em sessão pública noturna, no dia 26 de Setembro de 2015. Pela descrição da estratigrafia acima referida facilmente se compreende que a ereção original do menhir do Patalou que ocorreu em meados do 5º milénio antes de Cristo foi antecedida da abertura duma fossa de forma oval, alongada no sentido nascente-poente. Esta fossa cuja profundidade original hoje já não nos é possível determinar com precisão devido à natural redução da potência de solo penetrou, contudo, no substrato rochoso, composto por granito alterado. A escavação na rocha que na zona mais profunda atingia os 42 cm, terá sido efetuada com recurso ao artefacto acima descrito. Transportado o menhir para o local terá sido implantado por arraste, no sentido poente-nascente e depois de posto provavelmente na vertical, ou hipoteticamente levemente inclinado em direção ao nascente, foi estabilizado no interior do alvéolo com recurso a uma massa de argila e pequenos fragmentos de granito resultantes da fratura da rocha de base durante a escavação. Esta massa, seguramente compactada com recurso a água, terá garantido a estabilidade do menhir até que intencionalmente terá sido tombado nos alvares do Calcolítico.

## AS DATAÇÕES

Se monumentos enigmáticos existem os menhires serão seguramente um deles. Em torno destes testemunhos colocam-se variadíssimas questões desde a sua funcionalidade e simbologia, quer quando isolados, quer quando em grupo, ou à sua relação com o espaço, ou com os astros. A sua reutilização funcional ou meramente decorativa tem contribuído ainda mais para levantar e aprofundar estas e outras questões. Praticamente desde as primeiras referências científicas a estes monumentos que se procedeu à sua colagem crono-cultural ao megalitismo funerário, especialmente o dolménico, estabelecendo-se uma estreita relação de continuidade funcional, mas sobretudo simbólica. Mas se logo desde os inícios dos estudos sobre megalitismo funerário se ensaiaram várias esquematizações evolutivas para as sepulturas, independentemente da existência de datas absolutas, no que aos menhires diz respeito apenas se ensaiaram algumas possibilidades de posicionar culturalmente em universos separados os menhires em grupo dos menhires isolados. Naturalmente que várias razões se podem reconhecer para justificar a ausência de reflexões mais profundas sobre esta matéria, comparativamente, por exemplo, ao megalitismo funerário. Das principais convém destacar o número muito reduzido de menhires em relação aos sepulcros e, por consequência, um muito menor conjunto de trabalhos realizados, ou investigadores que sobre eles se tivessem debruçado. Veja-se, a título de exemplo, como o Casal Leisner, que praticamente escrutinou todo o megalitismo funerário da Península Ibérica e que, estranhamente, quase ignorou a presença de menhires. Por outro lado, poderemos também relacionar algum desinteresse por estes monumentos, ou por estarem maioritariamente tombados, ou por teoricamente nenhum espólio a eles estar associado. Praticamente só a partir dos finais da década de setenta do século XX é que se iniciaram trabalhos de escavação, cientificamente e diretamente dirigidos a menhires. Infelizmente, ou porque os alvéolos estavam muito remexidos, ou porque, na verdade, nenhuma matéria orgânica se tivesse preservado foi necessário efetuarmos a escavação e reabilitação do menhir da Meada (Castelo de Vide), em 1993, para conseguirmos obter uma datação absoluta. Tratava-se duma amostra de carvão recolhida no fundo do alvéolo, encostado ao menhir, em zona perfeitamente conservada, sob os blocos que calçavam o



monumento e envolta em argila. Essa amostra submetida a datação por radio carbono forneceu a seguinte data: Utc-4452:  $6022 \pm 40$  BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC. Quando em 1996, no decurso do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, realizado em Monsaraz, divulgámos publicamente esta data a incredibilidade e a estupefação foi geral entre os investigadores presentes. Em fase de discussão alguns desses colegas aí presentes ainda tentaram, por diversas formas, colocar em causa a credibilidade da amostra. Contudo, a partir desse momento, a contemporaneidade dos menhires e das antas começou claramente a ser questionada, sobretudo em relação aos monumentos funerários mais complexos, ainda que já anteriormente e apenas por via de análises estratigráficas se reconhecesse alguma anterioridade dos menhires em relação aos dólmenes. Aqui devemos destacar o singular monumento da Granja de S. Pedro, em Idanha-a-Nova. Em boa verdade os investigadores que o estudaram afirmaram perentoriamente que os menhires já aí se encontravam quando o sepulcro foi construído (Almeida e Ferreira, 1971). Outros estudos entretanto promovidos vieram reforçar o mais que provável posicionamento dos menhires no Neolítico mais antigo. Toda a polémica que se gerou em torno dos menhires do Padrão a propósito da ligação cultural dos menhires com os carvões da camada C2 que foi possível datar de meados dos 6º milénio (5480-5242 cal AC; 5580-5350 cal AC) (Gomes, 1997:176), ou os materiais atribuídos ao Neolítico antigo identificados junto aos menhires da Caramujeira (Gomes, 1997: 175), ainda que muito contestados e objeto de várias revisões e interpretações, somados às informações decorrentes dos trabalhos efetuados nos recintos megalíticos de Almendres e Portela de Mogos, junto dos quais se registaram ocupações atribuíveis, igualmente, ao Neolítico antigo, vinham, gradualmente, a reforçar a perceção da grande antiguidade destes monumentos. Se a data do menhir da Meada foi então considerada duvidosa por ser muito mais antiga em relação ao espectável, todas as outras entretanto obtidas, maior controvérsia ainda geraram porque apenas, de uma forma indireta, se podiam ligar aos menhires. No decurso da recente escavação e recuperação do menhir do Patalou foi possível recolher e datar uma amostra de madeira carbonizada obtida no interior do alvéolo que forneceu a seguinte data: Beta-416341:  $5420 \pm 30$ BP, que calibrada resulta em Cal BC 4340 a 4235 (Cal BP 6290 a 6185). Com esta data agora obtida valida-se a que já anteriormente possuíamos para o menhir da Meada (Utc-4452:  $6022 \pm 40$  BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC), cuja amostra de carvão foi recolhida em situação e contexto idêntico, confirma-se o posicionamento cultural dos menhires no seio do Neolítico antigo e reafirma-se a anterioridade dos menhires em relação, pelo menos, à fase plena do megalitismo dolménico. O curto afastamento cronológico do menhir da Meada, cerca 550 anos mais antigo do que o do Patalou, poderá explicar a diferença volumétrica entre dois menhires que se distanciam entre si pouco mais de 10Kms? O menhir da Meada com 7,15 metros de altura e quase 17 toneladas de peso assume-se como o maior da Península Ibérica e consubstanciará, naturalmente, um momento de apogeu dos rituais subjacentes a estas manifestações. Cerca de 550 anos depois, a curtíssima distância, em contexto ambiental idêntico, ergue-se outro menhir, apenas com 4 metros de altura e a rondar as 7 toneladas. Poderá esta acentuada diferença volumétrica e consequentemente implicando metade do investimento energético necessário à sua ereção, revelar já algum declínio destas práticas rituais, pouco mais de 500 depois do seu apogeu? Se o estudo do menhir do Patalou veio ajudar a resolver algumas das grandes dúvidas que em torno destes monumentos se colocavam, certamente que estimulará o reposicionamento de muitas mais que continuarão a aguardar resposta e que gostaríamos de aqui desenvolver mas que o limite de páginas imposto nos impossibilita.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, J. Monteiro de (1940); O Menhir de Luzim (Penafiel), *Gongresso do Mundo Português, Memória e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História*, Vol I.
- ALMEIDA, F; FERREIRA, O. V. (1971); Um monumento pré-histórico na Granja de s. Pedro (Idanha-a-Velha), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, 2º Vol., Lisboa*.

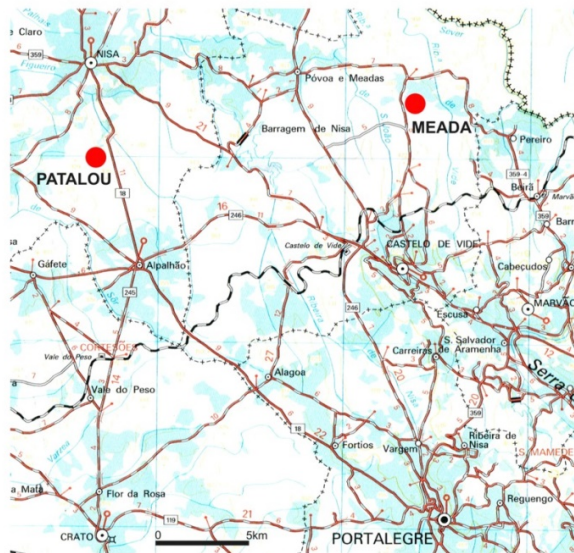


- BARATA, J. Pedro Martins (1965); O Menhir da Meada, *Ethnos*, 4, Lisboa.
- CALADO, M. ROCHA, L. (2006); Menhires e Neolitização: história da investigação no Algarve, *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Rev. Xelb nº7, Silves.
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem, (1987); Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, I.P.P.C., Lisboa.
- CARBALLO, Gonzalo Muñoz (1983); Menhires de Valencia de Alcantara, *Boletim de la Asociación Espanola de Amigos de la Arqueologia*, nº 17, Junio, Madrid.
- CARVALHO, Joaquim (2000); O Menhir do Castelo Velho, *Ibn Maruán*, nº 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.
- COSTA, F.A. Pereira da (1868); *Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmins ou Antas de Portugal*, Typ. da Acad. Real das Ciências.
- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembléia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- DIEGUEZ LUENGO, Elias (1965); Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura, *Zephyrus*, XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.
- idem (1976); Los Dolmenes de Valencia de Alcântara, in *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.
- GOMES, M. V. (1986); O Cromleque da Herdade dos Cuncos, *Almansor*, nº4. Montemor-o-Novo.
- GOMES, M. V. CABRITA, L. M. (1997); Dois novos povoados neolíticos com Menhires no Barlavento Algarvio. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Setúbal Arqueológica*, XI-XII, Setúbal.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J.P.; SERRÃO, E. C. (1987); A estação pré-histórica da Caramujeira – trabalhos de 1975-76, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa.
- GONÇALVES, J. Pires (1970); Menhires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, 9ª série, Vol II.
- GONÇALVES, J. Pires (1975); Roteiro de Alguns Megálitos da Região de Évora, *A Cidade de Évora*, nº 58. Évora.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980); Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- Idem (1986); Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- LEISNER, George e Vera (1943); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel: Der Suden*, Walter de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.
- MONTEIRO, J. Pinho, e GOMES, Mário Varela (1977); Os Menhires da Charneca do Vale do Sobral - Nisa, *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães.
- OLIVEIRA, Jorge (1985); O Menhir da Água da Cuba - Marvão, *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem (1986); *A Estela Decorada da Tapada da Moita*, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Idem (1990); Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano in *Actas do 1º Encontro Regional de História*, Universidade de Évora, Évora.
- Idem (1993); Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática, *Correio da Natureza*, nº 17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Idem (1993); O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio A.C., *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*, C. M. de Vila Velha de Ródão.



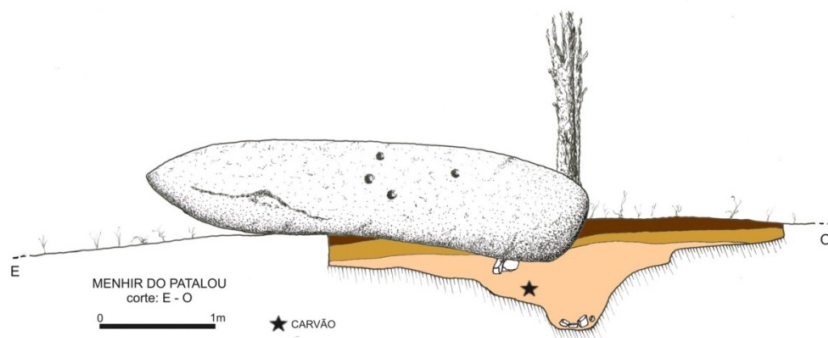
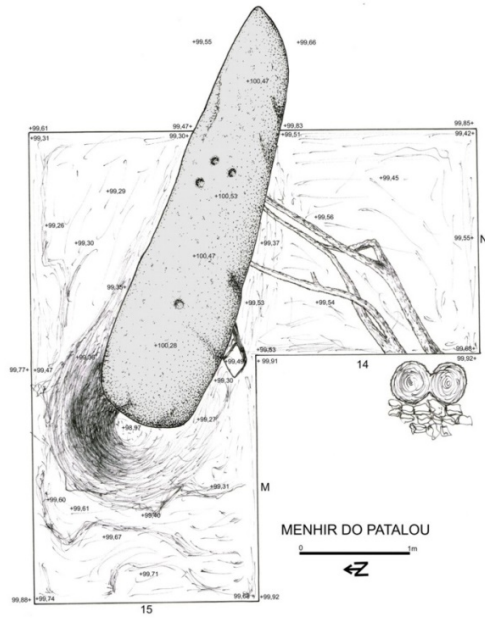
- Idem (1995); A Recuperação do Menhir da Meada - Castelo de Vide, *Ibn Maruán* n<sup>o</sup> 5, Câmara Municipal de Marvão.
- Idem (1996); Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán* n<sup>o</sup> 6, Câmara Municipal de Marvão. (em colaboração com António Bairinhas e Carmen Balesteros).
- Idem (1998); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, Ed. Colibri, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de; Oliveira, Clara de (2000); Menhires do Distrito de Portalegre, *Ibn Maruán*, n<sup>o</sup> 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2016); O Menir do Patalou – Nisa, entre contextos e cronologias, in *Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa*, Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves, Estudos & Memórias n<sup>o</sup>9, UNIARQ, Lisboa
- RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975); *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.
- VEIGA, S.F.M. Estácio da (1886); *Antiguidades Monumentais do Algarve - tempos prehistoricos*, vol. I, Lisboa.





Localização do Menhir dos Patalou e do Menhir da Meada





Menhir do Patalou - área escavada



Menhir do Patalou - fase de re-ereção







Menhir da Meada - Castelo de Vide



Menhir do Patalou - Nisa

